

---

## **Como são os corpos femininos na mídia independente? Uma análise dos portais *AzMina e Nós, Mulheres da Periferia*<sup>1</sup>**

Nayara Caroline Rosolen<sup>2</sup>  
Marcia Daniela Pianaro Valenga<sup>3</sup>  
Myrian Regina Del Vecchio-Lima<sup>4</sup>  
José Carlos Fernandes<sup>5</sup>  
Universidade Federal do Paraná - UFPR

### **RESUMO**

Como iniciativas de jornalismo independente com foco em gênero consideram os diferentes corpos dentro de suas pautas? A partir de tal questão, esta pesquisa de caráter exploratório busca compreender como são pautadas temáticas relacionadas à representatividade dos corpos em veículos independentes e especializados em gênero. Para isso, aplica-se a análise de discurso (Benetti, 2016) em conteúdos publicados na *Revista AzMina e Nós, Mulheres da Periferia* para verificar como os corpos das mulheres são pautados, especialmente a respeito do conceito de *body positive* (positividade corporal), gordofobia e padrões de beleza. Com a análise, nota-se que no jornalismo independente e especializado em gênero, a temática dos corpos já traz diferentes perspectivas, mas ainda é pautado pelos estigmas vividos na sociedade.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo e gênero; corpos; estigma; representatividade no jornalismo.

### **Introdução**

A forma como conteúdos sobre corpos são apresentados, em texto ou imagem, podem reforçar ou romper estereótipos (Hall, 2016). A mídia tradicional frequentemente retrata mulheres de maneiras estereotipadas, com ênfase em sua aparência ou em papéis considerados tradicionais pela sociedade, porém, tem-se como premissa que iniciativas de jornalismo independente com foco em gênero tendem a valorizar o papel da mulher na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação na Universidade Federal do Paraná - UFPR. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura Ciber - Click. E-mail: nayrosolen@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Comunicação na Universidade Federal do Paraná - UFPR. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura Ciber - Click. E-mail: valengadaniela@gmail.com

<sup>4</sup> Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com pós-doutoramento em Jornalismo Digital pela Université de Lyon (França). Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura Ciber - Click. Email: myriandel@gmail.com

<sup>5</sup> Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cultura Ciber - Click. E-mail: zeca@ufpr.br

sociedade e combater preconceitos e estereótipos patriarcais (Vecchio-Lima e Souza, 2017; Woitowicz, 2024).

A partir deste contexto, esta pesquisa, de caráter exploratório, busca compreender como são pautadas temáticas relacionadas à representação dos corpos em veículos independentes e especializados em gênero. Para isso, aplica uma análise de discurso (Benetti, 2016) em conteúdos publicados na *Revista AzMina* e no site jornalístico *Nós, Mulheres da Periferia*.

### **Representação dos corpos**

A estereotipagem atua de forma a reduzir uma pessoa que representa características tidas como “anormais” – ou fora do padrão vigente – e integra alguns outros aspectos tratados por Hall (2016). Neste caso, principalmente dois deles: “(a) a construção da ‘alteridade’ e exclusão; (b) estereótipos e poder” (p. 190). Por meio da tipificação são produzidos sentidos que dicotomizam e separam as pessoas consideradas normais, aceitáveis e pertencentes a um grupo/padrão, daquelas vistas como patológicas, inaceitáveis e não pertencentes. Isso traz à tona a desigualdade de poder desses grupos excluídos em relação àqueles considerados “normais”, por suas características estereotipadas.

Como coloca Hall (2016), a representação estabelece uma ligação entre o significado das coisas, a linguagem e a cultura, sendo fundamental para o modo como os significados são criados e trocados entre as pessoas de uma mesma cultura. Representar, nesse contexto, significa utilizar a linguagem, os signos e as imagens para dar sentido ou simbolizar objetos. A categorização das pessoas por meio de suas características promove também o que é conhecido como estigma (Goffman, 2008). Desde sua criação, era por meio do corpo que o termo, advindo dos gregos, sinalizava a moral que as pessoas carregavam ou não. Apesar dos valores sociais terem se transformado ao longo do tempo, atualmente a forma como o corpo se apresenta ainda exerce forte influência sobre como uma pessoa é percebida e posicionada nos diferentes grupos sociais.

Embora as mulheres sempre tenham sido vistas como “o segundo sexo” (Beauvoir, 1970), Wolf (1992) nos mostra que a conquista de novos espaços nas últimas décadas e a independência que conquistaram sobre suas vidas, trouxe um novo

instrumento de controle, o “mito da beleza”, que estabelece como devem manter o corpo e quais características desse corpo é representado como belo, seja na mídia ou no imaginário social.

É a partir dos padrões de beleza que os corpos são considerados belos, elegantes e saudáveis, ou o contrário. Embora esse referencial se altere ao longo dos séculos, dependendo do contexto e cultura, Jimenez (2022, p. 21) aponta que o ideal atual foi construído a partir de “cabelos macios e brilhantes, cintura bem definida, unhas bem-feitas, pele clara, lisa e jovem, barriga malhada e, de preferência, pernas firmes e torneadas”. Portanto, em uma sociedade que a valorização se dá a partir da magreza e da firmeza da pele, aqueles que contrariam essa definição sofrem com o estigma de um corpo visto como “feio, doente, sujo”.

A resistência de corpos maiores e que fogem do padrão idealizado, em uma perspectiva pessoal, política e crítica é tratado por Gay (2017). Como mulher gorda e negra, a autora mostra como o corpo se tornou um escudo contra violências vividas e como isso trouxe outras tantas violências que perpassam o estigma. Por isso, ela acompanha o movimento de reivindicação de dignidade, humanidade e complexidade para corpos gordos, o que é reforçado por movimentos antigordofobia, para além da aceitação corporal do *body positive*<sup>6</sup>.

### **Jornalismo independente com foco em gênero**

No Brasil, principalmente a partir de 2013, há um aumento de iniciativas de jornalismo considerado independente ou alternativo, impulsionado pela facilidade que a internet representa como espaço para a produção de conteúdos. Entre as características em comum nessas iniciativas, está o desejo de recuperar o papel social do jornalismo, a defesa de causas sociais e a vontade de aumentar o alcance de vozes silenciadas pela mídia tradicional (Patrício e Batista, 2018; Reis, 2017; Horn, 2022).

Iniciativas com foco em gênero são instigadas pela chamada “Primavera Feminista” em 2015 e 2016, período marcado por grandes mobilizações pela igualdade

---

<sup>6</sup> O movimento *body positive*, ou positividade corporal, iniciou na década de 1990, com Connie Sobczack e Elizabeth Scott, que fundaram o Instituto *The Body Positive*, como um espaço de acolhimento e educação. A proposta era que as pessoas construíssem uma relação saudável com o próprio corpo (Souza, 2017).

de gênero (Woitowicz, 2024). Entre as características desses veículos estão a presença de mulheres como jornalistas e autoras, a produção de pautas direcionadas às mulheres nas suas diversidades, além da priorização de mulheres como fontes, considerando ainda abordagens interseccionais relacionadas à raça, gênero, classe, sexualidade e demais eixos marcadores nas produções; essas iniciativas são compreendidas como contra-hegemônicas (Vecchio-Lima e Souza, 2017; Woitowicz, 2024).

Esta pesquisa analisa textos jornalísticos publicados em dois veículos que se auto-identificam como independentes e tem foco em gênero: a *Revista AzMina*, fundada em 2015, e o portal *Nós, Mulheres da Periferia*, criado em 2014.

A *Revista AzMina* se descreve como “veículo jornalístico focado na cobertura de temas diversos com recorte de gênero” (AzMina, 2025). Fundada graças a um projeto de financiamento coletivo, a equipe trabalha com uma abordagem interseccional, conforme as políticas editoriais da revista, e tem a missão de “dar ferramentas para que a sociedade enfrente as desigualdades de gênero e outras opressões por meio da informação de qualidade e independente” (AzMina, 2025).

O site *Nós, Mulheres na Periferia* surge a partir da repercussão da publicação de um artigo no *Blog Mural* (atual *Agência Mural de Jornalismo das Periferias*), em que comunicadoras das periferias de São Paulo compartilharam a complexidade do que é ser uma mulher nesse contexto. Em 2014, foi lançado o site jornalístico *Nós, Mulheres da Periferia*, que produz pautas a partir da intersecção gênero, raça, classe e território (Lago, Gonçalves e Kazan, 2023), com a missão de “produzir jornalismo para ouvir e repercutir a história, memória e opinião de mulheres negras e periféricas” (Nós, Mulheres na Periferia, 2025).

Nota-se que ambas as iniciativas de jornalismo independente com foco em gênero buscam conferir maior representatividade às mulheres nas suas diversidades. A partir disso, essa pesquisa busca compreender como esses portais consideram os diferentes corpos dentro de suas pautas.

## **Análise**

O estudo emprega análise de discurso que segue Benetti (2016) e considera as estratégias de comunicação empregadas na produção, como linguagens e imagens, e a

produção de sentidos gerados pelos textos. Benetti (2016) busca entender como os sentidos são produzidos por meio da linguagem em diferentes contextos sociais, históricos e ideológicos. Examina não apenas o que é dito, mas o que se esconde atrás do discurso e as intenções de quem fala. Assim, busca entender quais efeitos de sentido são gerados ao pensar em disputas de poder, ideologias e representações sociais. Dentro disso, estão quatro tipos de abordagens listadas pela autora: “1) análise dos sentidos; 2) análise dos sujeitos; 3) análise do silenciamento e 4) análise da estruturação do discurso” (p. 247).

Para esta pesquisa, de caráter exploratório, foram analisados dois textos jornalísticos publicados em cada um dos portais. Após utilizar a palavra “corpo” nos mecanismos de busca dos sites, constatou-se que ambas as iniciativas tinham, ao longo das trajetórias, produzido diversos conteúdos que pautam os corpos de forma direta ou indireta, porém, sem seguir um padrão de editorias sobre o tema ou uma linearidade temporal de publicações. A seleção dos materiais guiou-se então pelas temáticas centrais abordadas nas publicações, priorizando o conteúdo em detrimento do recorte temporal, de modo a contemplar diferentes perspectivas das coberturas relacionadas aos corpos.

#### Conteúdos analisados

| Veículo                           | Data de publicação    | Título                                                                                        |
|-----------------------------------|-----------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Revista AzMina</i>             | 18 de março de 2025   | ‘Chip da beleza’ e ‘suco pra ficar gostosa’: por que anabolizantes são um risco? <sup>7</sup> |
| <i>Revista AzMina</i>             | 29 de maio de 2023    | “Gorda não dança balé” e outras mentiras que a gordofobia te conta <sup>8</sup>               |
| <i>Nós, Mulheres da Periferia</i> | 11 de outubro de 2023 | “O discurso do ‘ame-se’ não garante o fim das violências contra o corpo gordo” <sup>9</sup>   |
| <i>Nós, Mulheres da Periferia</i> | 27 de março de        | Por que não faz chapinha? Elas                                                                |

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/chip-da-beleza-e-suco-pra-ficar-gostosa-por-que-anabolizantes-sao-um-risco-para-mulheres/>>. Acesso em: 9 jun.2025.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://azmina.com.br/colunas/mulher-gorda-e-esporte-mentiras-que-a-gordofobia-conta/>>. Acesso em: 9 jun.2025.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/body-positive-o-discurso-do-ame-se-nao-garante-o-fim-das-violencias/>>. Acesso em: 9.jun.2025.

|  |      |                                                                 |
|--|------|-----------------------------------------------------------------|
|  | 2018 | escreveram no corpo as frases que costumam ouvir? <sup>10</sup> |
|--|------|-----------------------------------------------------------------|

Fonte: as autoras (2025).

O corpo, enquanto signo social, é constantemente atravessado por discursos que o classificam, ordenam e hierarquizam. Nas publicações analisadas dos dois portais observa-se a emergência de vozes e corpos dissidentes que confrontam os sentidos criados em cima de estereótipos (Hall, 2016) e estigmas (Goffman, 2007) relacionados à gordura, ao corpo feminino e à negritude. Com base em Benetti (2016), que segue Foucault (2013), ao entender o discurso como uma prática atravessada por relações de poder, é possível identificar uma série de disputas simbólicas nas representações do corpo.

Os textos analisados não apenas evidenciam os estereótipos associados a esses corpos, mas promovem uma ressignificação dos sentidos historicamente atribuídos a eles, desafiando o silenciamento estrutural que marca a experiência de mulheres gordas e negras na sociedade. Esses discursos circulam no imaginário social por meio de enunciados que, segundo Benetti (2016), atravessam formações ideológicas que orientam o modo como se constitui o sujeito e como se estabilizam ou desestabilizam os sentidos sobre o corpo.

Em “‘Gorda não dança balé’ e outras mentiras que a gordofobia te conta”, publicado na coluna de Agnes Arruda, o texto se insere numa formação discursiva contra o imaginário hegemônico sobre corpos gordos, confrontando o discurso normativo da magreza como sinônimo de saúde, beleza e disciplina. O tom crítico e empático da narrativa está em consonância com as políticas editoriais da *Revista AzMina*. Agnes Arruda destaca como o corpo gordo é silenciado nos espaços de visibilidade, como quando a autora foi colocada no fundo do palco da apresentação de balé ou a constante mudança de atividades físicas praticadas.

Conforme Benetti (2016), esse silenciamento não é ausência de fala, mas um processo ativo de ocultação e deslegitimação. Dessa forma, Arruda ressignifica sentidos hegemônicos internalizados, disputando o imaginário coletivo que associa magreza à saúde e competência. No texto é possível identificar discursos cúmplices (o público

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/por-que-nao-faz-chapinha-elas-escreveram-no-corpo-as-frases-que-costumam-ouvir/>>. Acesso em: 9 jun.2025.

engajado na luta antigordofobia), quanto adversários (aqueles que sustentam e disseminam discursos gordofóbicos), na tensão entre ambos os sentidos e propondo reposicionamentos (Benetti, 2016).

Na reportagem “‘Chip da beleza e ‘suco para ficar gostosa’: por que anabolizantes são um risco?’, vozes especializadas são articuladas pelas vivências de consumidoras e discursos nas redes sociais. Essa estrutura constrói um discurso polifônico, típico das formações discursivas em disputa. As mídias digitais se tornam palco que alternam o destaque para cúmplices da cultura da performance corporal e adversários que denunciam os riscos e efeitos colaterais do uso de esteróides. A narrativa revela como o corpo feminino é moldado não apenas biologicamente, mas nos discursos, como objeto de desejo, controle e disciplina.

No *Nós, Mulheres da Periferia*, as falas das entrevistadas na matéria “O discurso do ame-se não garante o fim das violências contra o corpo gordo” revelam uma disputa de sentidos entre o amor ao corpo como resistência e o amor ao corpo como imposição mercadológica. A crítica ao discurso do “ame-se”, difundido pelo *body positive* e Movimento Corpo Livre<sup>11</sup>, expõe como a ideia do amor-próprio pode ser utilizada pelo capitalismo e servir à lógica do consumo e da opressão estética, além da indústria farmacêutica, que propõe novos produtos de emagrecimento de forma cada vez mais frequente. O discurso da autoestima como suficiente para combater a opressão é desconstruído pelas protagonistas, que apresentam os limites da violência estrutural.

“Por que não faz chapinha? Elas escreveram no corpo as frases que costumam ouvir” mostram mulheres que tratam o corpo como lugar de inscrição do discurso, a formação discursiva racializada, a ressignificação e memória discursiva. A exposição “CATARSE” aparece como uma ação ativista contra os estereótipos e estigmas, deslocando o simbólico e transformando marcas de dor em marcas de resistência. As frases escritas nos corpos evidenciam como o discurso se materializa fisicamente. A publicação evidencia estigmas históricos associados ao corpo negro, mostrando como esses discursos operam em instituições como escola e mídia, em espaços públicos ou

---

<sup>11</sup> O Movimento Corpo Livre surge em meio ao cenário digital das redes sociais, na década de 2010, promovido pela jornalista e criadora de conteúdo, Alexandra Gurgel (2018). Na mesma linha do *Body Positive*, prega o amor-próprio e a aceitação corporal. Com o tempo, no entanto, mulheres gordas entenderam a necessidade de um movimento que buscasse para além da aceitação, também a acessibilidade, o respeito e a dignidade a corpos maiores, como o movimento gordo ou antigordofobia (Jimenez, 2022).

privados. Há um resgate da memória coletiva racial, como nos estereótipos da mulher negra como passista no samba e do homem negro como pagodeiro ou jogador de futebol. Esses discursos são colocados em xeque por sujeitos que se recusam a performar tais papéis.

### **Considerações finais**

Se durante a chamada “Primavera Feminista”, em 2015 e 2016, os padrões de beleza foram questionados, o que se observa na contemporaneidade, alinhado ao avanço do ultraconservadorismo, é a volta da imposição de padrões sobre os corpos das mulheres, muitas vezes associados a uma rotina de exercícios, alimentação e uso de medicamentos na busca pelo que seria o corpo ideal, em uma retomada do “mito da beleza” indicado por Wolf (1992).

Nesse contexto, iniciativas de jornalismo independente e com foco em gênero, caracterizadas como contra-hegemônicas, exercem um papel de contraposição aos discursos ligados a ideais de beleza. Esse estudo exploratório demonstrou como dois desses portais que se autodenominam independentes, *Revista AzMina* e *Nós, Mulheres na Periferia*, pautam questões sobre os riscos ligados à medicamentos popularizados nas redes sociais digitais para obtenção de determinado corpo, o efeito da gordofobia, da racialização e de outros estereótipos sobre a vida de mulheres e questões políticas, sociais e culturais relacionadas ao movimento da positividade corporal.

Os discursos aparecem sob formas que valorizam vivências pessoais, por meio de fontes testemunhais ou relato próprio, como no caso da coluna de Agnes Arruda na *Revista AzMina*, além de trazerem fontes oficiais, como profissionais da saúde, e dados que reforçam as temáticas abordadas. Se para Benetti (2016), discurso não é apenas o que se diz, mas uma prática social que produz sentidos, organiza o mundo e atua sobre os sujeitos, nos casos analisados, as perspectivas feministas e interseccionais dos dois portais demonstram a preocupação de romper com padrões de beleza impostos, além de trazer análises críticas sobre o efeito desses padrões sobre as vidas das mulheres.

Em todas as publicações escolhidas para análise dos portais, o discurso opera como prática social, moldando e sendo moldado pelas estruturas de poder. Os conceitos e abordagens de Benetti (2016) se mostram presentes em cada uma delas. Os sujeitos

discursivos apresentados rompem com os estereótipos tratados por Hall (2016) e os estigmas de Goffman (2007) e produzem falas com potencial de transformação. Os artigos também evidenciam o processo de recriação dos sentidos e ressignificação discursiva em relação ao corpo, saúde, beleza e identidade racial e de gênero. Nesse sentido, o jornalismo como arena discursiva fica nítido, pois não se trata mais apenas de informar.

Ao integrar essas análises, é possível afirmar que esses dois portais, entre outros, têm o potencial de ativar o jornalismo como espaço de disputa ideológica e simbólica. As publicações promovem narrativas que desafiam os discursos hegemônicos sobre corpos, gênero e raça, contribuindo para a mudança dos sentidos e construção de novas representações. Isso evidencia o potencial do jornalismo em atuar como prática social crítica, capaz de tornar visíveis sujeitos e experiências historicamente marginalizadas.

A partir das perspectivas encontradas nesse estudo, pretendemos aprofundar a análise de discurso em mais textos jornalísticos que pautam os corpos, publicados em portais se auto proclamam independentes com foco em gênero, além de integrar a análise sobre as imagens utilizadas nos materiais, para seguir a investigação sobre a temática.

## Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em Comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016. p 135-256. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/304215070\\_Analise\\_de\\_Discurso\\_como\\_metodo\\_de\\_pesquisa\\_em\\_Comunicacao](https://www.researchgate.net/publication/304215070_Analise_de_Discurso_como_metodo_de_pesquisa_em_Comunicacao)>. Acesso em: 6.mai.2025.
- FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **O corpo utópico e As heterotopias**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- GAY, Roxane. **Fome: uma autobiografia do (meu) corpo**. 1ª edição. Globo Livros, 2017.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª edição, 2004. Disponível em: <[https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma\\_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf)>. Acesso em: 3 jun.2025.
- GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

---

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2016. Disponível em:

[https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL\\_Cultura\\_e\\_Representa%C3%A7%C3%A3o\\_-\\_2016.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf). Acesso em: 3 jun.2025

HORN, Aline Tainá Amaral. O perfil editorial do jornalismo independente no Brasil e na França. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 28, p. 1-15, jan.-dez. 2022. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/41612>>. Acesso em 06 mai. 2025.

JIMENEZ, Malu. **Lute como uma gorda**. 1ª edição. Jandaíra, 2022.

LAGO, Claudia. GONÇALVES, Gean. KAZAN, Evelyn. Jornalismo a partir da lógica decolonial: o caso do Nós, Mulheres da Periferia. In: **Revista Pauta geral - estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, vº 10, nº 2, 2023, p.126-143. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21891>>. Acesso em 06 mai. 2025.

PATRÍCIO, Edgard. BATISTA, Raphaele. Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente. In: **Extraprensa**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 217 – 231, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/41612>. Acesso em 6 mai. 2025.

Quem Somos. **AzMina**. Disponível em: <https://azmina.com.br/revista-azmina/>. Acesso em: 07 jun. 2025.

Quem somos. **Nós, Mulheres da Periferia**. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

REIS, Mariana. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. In: **Vozes & Diálogo**, Itajaí, v. 16, n. 01, jan./jun, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/9455>>.

VECCHIO-LIMA, Myrian Del. SOUZA, Humberto da Cunha Alves De. Espaços Alternativos na Internet como Formas de Visibilizar a Mulheres no Jornalismo Brasileiro. In: **Media & Jornalismo**, v.17, n.31, p.131-152, 2017. Disponível em: <[https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462\\_31\\_9](https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_31_9)>. Acesso em: 6 mai. 2025.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOITOWICZ, Karina Janz. A agenda feminista em foco no jornalismo alternativo: práticas de ativismo nos portais jornalísticos com perspectiva de gênero, AzMina, Catarinas e Think Olga. In: **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social Disertaciones**, v. 17, n. 2, jul. - dez. de 2024. Disponível em: <<https://revistas.urosario.edu.co/index.php/disertaciones/article/view/13989?articlesBySimilarityPage=25>>. Acesso em 06. mai.2025.